

ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA: RESPOSTAS A UMA EXPERIÊNCIA

Liliane Rodrigues dos Santos

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar o processo de apropriação da linguagem escrita de crianças da educação infantil. Com base numa pesquisa bibliográfica e na experiência prática em sala de aula, o artigo analisa registros e tentativas de escrita das crianças através de atividades realizadas no ambiente escolar. Os exemplos de escrita mostrados no estudo refletem a evolução da escrita infantil explicada por etapas, consideradas de acordo com a faixa etária das crianças observadas. Considera-se revelante que os professores alfabetizadores conheçam e estimulem as fases de desenvolvimento da escrita promovendo atividades e vivências que explorem situações de ensino e aprendizagem na educação infantil.

Palavras-chave: Escrita Infantil. Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Relativamente muitas crianças de 4 a 6 anos de idade ainda não sabem escrever, mas ao escrever percebem que na sua escrita a um valor sonoro convencional das palavras mesmo não compreendendo este sistema. As crianças começam a desenvolver sua escrita antes mesmo da fase escolar ou alguém colocar um lápis em sua mão. Através das produções espontâneas realizam e compreendem o que é a natureza da escrita, acreditando que deveriam ou poderiam escrever certo conjunto de palavras. Ao entrar na escola a criança já adquiriu habilidades para escrever em um tempo relativamente curto, tendo a idéia de que há uma relação estreita entre a escrita e a fala representada em um papel sob a forma de grafismo.

Podemos presumir que antes da criança atingir sua idade escolar ela já adquiriu habilidades motoras que se fará presente em toda a sua vida, desde pequena a criança tem acesso à escrita a partir do ambiente que ela convive dependendo da situação a qual se encontra. A criança que tem contado desde cedo com livros, revistas, tenta escrever ou desenhar, adquire informações sobre a linguagem escrita, onde geralmente fazem por conta própria um caminho para a sua alfabetização. O processo de aprendizagem da escrita pela criança se dá por uma construção progressiva ou por meios de estímulos

Este trabalho tem como intuito apresentar o processo de apropriação da linguagem escrita infantil em sua fase inicial. O tema partiu de experiências na prática pedagógica com crianças com dificuldades na escrita.

A escrita ocupou um lugar estreito na prática escolar em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Entretanto, a escola enfatiza a mecânica de ler o que está escrito, o que acaba obscurecendo a linguagem tal como ela é.

O objetivo da pesquisa é mostrar que a aquisição da linguagem escrita na criança começa muito antes do que a escola imagina. O estudo pauta-se na pesquisa bibliográfica qualitativa, considerando as leituras de livros e publicações periódicas sobre a escrita infantil. A prática docente em sala de aula desenvolvida na Escola Municipal Santa Rita de Cássia com alunos da educação infantil de faixa

etária entre 4 a 5 anos de idade, marcou o processo de pesquisa de campo com o intuito de investigar as fases ou etapas de desenvolvimento da escrita das crianças, relacionando aos estudos teóricos acerca da construção da escrita infantil.

A ESCRITA INFANTIL

As crianças têm idéias próprias sobre o que escrevem e o que pensam e formulam suas hipóteses ao expressarem-se por meio da escrita dedicando esforços intelectuais em sua construção. Num primeiro momento em que a criança tenta escrever um rabisco, procura misturar linhas e retas tentando interpretar o que escreveu ou o que pensou. Nessas tentativas de escritas a criança não procura cópias, mas representa o que ela imaginou que seja a escrita.

Para Ferreiro e Teberosky (1999) a escrita divide-se em períodos denominados, sendo que no início do processo tem a noção de que sílaba corresponde a letras.

As crianças não só tem que ver as diferenças existentes entre formas de letras e palavras, mas precisam diferenciar sons. Para se alfabetizar, a criança deve desenvolver capacidade para analisar sua própria linguagem escrita. (CAGLIARI, 1998, p.28)

Podemos presumir que mesmo antes de atingir a idade escolar a criança já adquiriu técnicas primitivas semelhantes ao que chamamos de escrita. Essas técnicas servem como estágio necessário para o seu desenvolvimento e a encaminhará realmente ao conceito da escrita.

Do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma evolução regular, através de diversos meios culturais em diversas situações educativas de diversas linguagens. (CAGLIARI, 1998, p. 35)

O desenvolvimento da escrita infantil esta relacionado às práticas cotidianas de participação em eventos da leitura e da escrita. Para Cagliari (1998), a escrita está ligada a leitura, ela é um fenômeno social, um bem cultural que se evolui com o passar do tempo. Para o autor não há idade para escrever, a criança

expressa de qualquer modo a sua escrita através de um rabisco, de um desenho, de uma brincadeira com lápis. Os estímulos é o principal meio para chegar a uma escrita convencional. O Autor situa que no momento em que a criança tenta escrever, produz espontaneamente pequenos traçados misturando linhas retas e curvas interpretando depois o que ela escreveu e que só a própria criança reconhece. Cagliari também afirma que a criança desenha letras agrupadas de forma aleatória e já possui idéia de que representa a escrita, ou seja, ela sabe o que escreve com determinados sinais, mesmo que não saiba que esses sinais possuem uma ordem de colaboração e significação convencional, que as crianças em processo de aquisição encontram-se em constante conflito quanto às relações e às formas da sua escrita.

Cagliari (2001, p. 127) afirma que a descoberta da escrita pelas crianças não ocorre homogeneamente, que elas não aprendem no mesmo ritmo, possuem diferentes níveis e graus de letramento. Estes aspectos, portanto devem ser enfatizados na alfabetização de forma que as crianças possam construir concepções de escrita, coerentes a com a natureza desse objeto cultural.

Emilia Ferreiro (2004) com base em Piaget comprova que a escrita é uma produção social e como tal sofre inúmeras transformações ao longo do desenvolvimento infantil. Ferreiro e Teberosky (1999) acentuam que as crianças adquirem o conhecimento da escrita através do desenvolvimento cognitivo, onde o ambiente social torna-se importante para o desenvolvimento da escrita antes do início da alfabetização. A construção de diferenciação entre as letras é estimulada espontaneamente antes do ensino sistemático. Os resultados obtidos pela compreensão das autoras originaram-se de pesquisas e observações de situações pedagógicas, nas quais as crianças escreviam palavras pequenas nas frases que falavam. A correlação entre as letras e os segmentos sonoros foi observada fundamentalmente por meios da leitura efetuada pelas crianças (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 43).

Para as pesquisadoras escrever não é um meio de registrar algum conteúdo específico, é um processo em que a criança imita uma atividade do adulto, que não possui em si mesmo significado funcional. Em pesquisa sobre a psicogênese da língua escrita, as autoras demonstram como se constrói em níveis evolutivos, a compreensão do sistema alfabético de representação da língua, permitindo definir atividades e intervenções pedagógicas que favoreçam a compreensão da escrita e a

superação das dificuldades desta aprendizagem. Para as referidas autoras, se entendemos a aquisição da escrita como produção ativa, ela se constituirá como uma etapa estrutural do conhecimento (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.35).

ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA INFANTIL

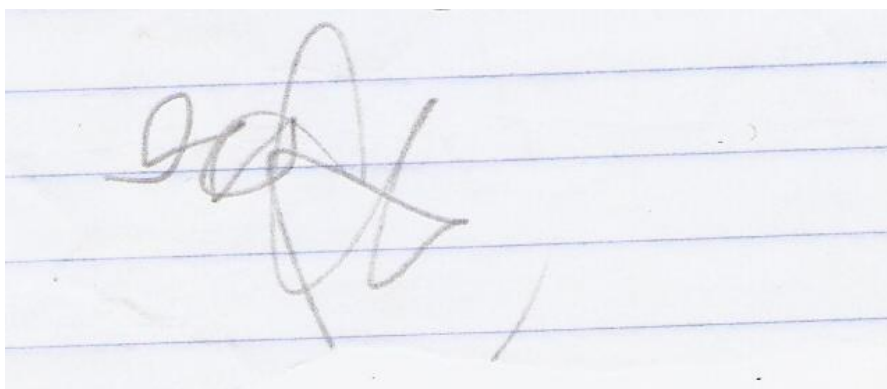
É natural que a criança apresente fases diferentes na construção da escrita, essa diferenciação torna-se evidente a partir da experimentação feita com o desenvolvimento de atividades relacionadas à escrita, as quais promovem percepções, capacidades, comparações, diferenciações e reconhecimento. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999) a criança tem idéias próprias sobre o que escreve e formula hipóteses ao expressar-se por meio da escrita. A aprendizagem acontece na medida em que constrói o raciocínio lógico e apresenta o processo evolutivo de aprender a escrever passando por níveis de conceitualização que revelam as hipóteses. Para as autoras a escrita divide-se em períodos, caracterizados em fases diferentes.

A melhor maneira de estudar e entender as fases da escrita infantil é observando as formas de representação, o que possibilita averiguar o nível de evolução que se apresenta na escrita da criança. As explorações que as crianças fazem acontecem mediante estímulos propostos sob forma de jogos e atividades relacionadas ao cotidiano das mesmas. Estes estímulos também ajudarão a criança a aperfeiçoar cada vez mais a escrita (FERREIRO, 1999).

Esses tipos de atividades mostram-se ricas para as crianças manifestarem o seu potencial e as habilidades desenvolvidas por elas. A relação interpessoal (adulto-criança, criança-criança) e a dialogia que se estabelece nesse processo proporcionam ao educador selecionar procedimentos que em um dado momento e em determinada situação possa mostrar-se positivos.

Como Emilia Ferreiro (2004) afirma que as fases da escrita de cada criança variam de uma criança para outra, a sala de aula observada na escola municipal Santa Rita de Cássia, com estudantes da educação infantil de faixa etária entre 4 e 5 anos apresentam níveis de escritas diferentes umas das outras, a metade das

crianças encontra-se na fase inicial, pois ainda não sabem corresponder sons e letras das palavras que são trabalhadas todos os dias na sala de aula.



A palavra é “bola”

Figura 1 – Escrita de um aluno com 4 anos

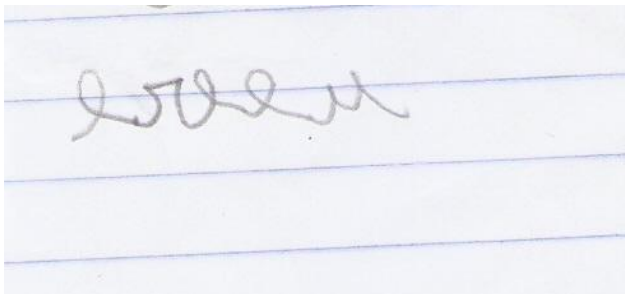
Esta criança está na fase da descoberta, denominada por Ferreiro (2004) de **Garatuja**. Segundo a autora as crianças realizam os primeiros movimentos ao tentar escrever, onde os traçados ganham forma de rabisco. Esse tipo de tentativa de escrita ajuda a criança a interpretar o mundo a sua volta. As garatujas revelam o olhar da criança, é na exploração do rabisco que a criança constrói sua produção (FERREIRO, 2004, p.38)

É importante que o professor alfabetizador valorize essa forma de escrita da criança, oferecendo-lhe um repertório de estímulos à imaginação e criatividade, motivando o aluno a ir além das regras práticas da configuração da linguagem escrita (CAGLIARI, 1998, p.56).

A estimulação nessa fase é muito importante, é preciso valorizar a produção espontânea da criança, lembrando que nessa fase ainda não existe preocupação estética em relação à escrita feita. Por meio da garatuja, a criança cria e recria individualmente formas expressivas integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade. (CAGLIARI, 2001, p.75)

Outros alunos estão no nível um pouco mais avançado do que os alunos anteriores. Compreendem a diferença entre sons e sílabas, mas usam símbolos gráficos de forma aleatória. Nesta fase a criança não demonstra a intenção deliberada de registrar a pauta sonora da linguagem. As tentativas infantis de

representação gráfica demonstram que a criança não chegou ainda a compreender a relação entre o registro gráfico e o aspecto sonoro da fala.

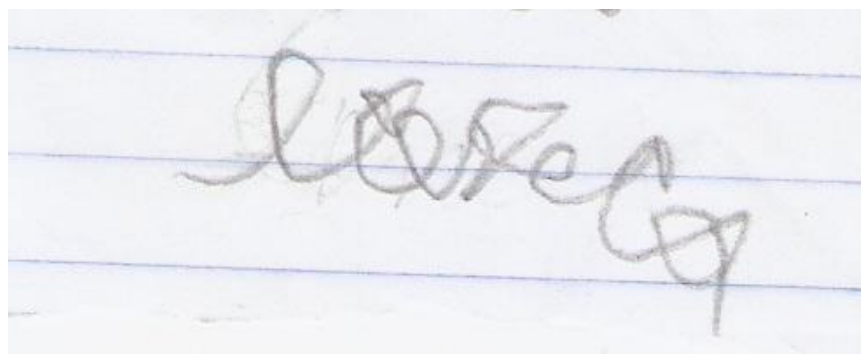


A palavra é “casa”

Figura 2 – Escrita de um aluno com 5 anos

Nesta tentativa de escrita a criança representa uma grafia demonstrando que não chegou ainda a compreender a relação entre o registro gráfico e o aspecto sonoro da fala. Ferreiro (2004) identifica como etapa **Pré-silábica**. É uma correspondência entre a forma de escrita (cada letra) e a expressão oral (recorte silábico dos nomes). O uso da hipótese pré-silábica indica a existência de uma concepção da criança quanto ao caráter da representação realizado pela escrita, ainda distante da indicação do evento sonoro da língua falada.

Na sala de aula há alunos com níveis de escrita ainda mais avançados em relação às crianças citadas anteriormente. Algumas já conseguem estabelecer relações entre o contexto sonoro da linguagem e o contexto gráfico do registro. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999) as considerações dos aspectos sonoros da linguagem representam um processo evolutivo. As estratégias usadas pelas crianças são atribuídas a cada letra ou marca escrita, registrando uma sílaba falada. É este argumento que explica a etapa **Silábica**. As crianças demonstram conhecer o valor sonoro convencional das letras sem considerar o valor sonoro convencional ou a qualidade das suas grafias (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 202).



A palavra é “boneca”

Figura 3- Escrita de uma aluna com 6 anos

Considerando estes aspectos, cabe salientar que a classe de educação infantil observada, apresenta as etapas iniciais de desenvolvimento da escrita, as quais foram brevemente analisadas. Contudo, Ferreiro e Teberosky (1999) apresentam mais dois níveis desta evolução da escrita infantil: Silábico-alfabética e Alfabética. Ambas demonstram segurança e uma escrita quase convencional. Nestas etapas a criança pode ser considerada praticamente alfabetizada.

O professor alfabetizador sabe o quanto é importante conhecer as fases de evolução pelas quais passam seus alunos no início da aquisição da escrita, sendo fundamental que ele compreenda o sentido e os caminhos da aprendizagem, mediante práticas onde a criança sinta que pode pensar e expressar seus sentimentos com liberdade, encarando e acentuando seus erros como algo natural para o seu crescimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, esse estudo objetivou analisar o processo de apropriação da linguagem escrita por crianças inicialmente matriculadas na educação infantil. O artigo analisa registros sobre a escrita das crianças através das atividades realizadas em sala de aula.

A partir da pesquisa pode-se concluir que o desenvolvimento da escrita infantil depende dos estímulos. Através das produções percebe-se que a escrita infantil é sem dúvida uma das maiores fontes de informação e compreensão, que

passa por longo processo de amadurecimento adquirido pela própria criança a partir de suas fases que começam muito antes da vida escolar.

É importante que os professores alfabetizadores conheçam cada nível de conhecimento de seus alunos, para planejar atividades adequadas que ajudarão no desenvolvimento da escrita infantil. Torna-se indispensável proporcionar ao aluno vivências variadas e apresentar o mundo letrado para que tenha condições de experimentar e entender a função da escrita em sua vida, mesmo ainda não sabendo grafar corretamente as palavras.

REFERÊNCIAS

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro**. São Paulo: Ática, 2004

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SOARES, Magda. Alfabetização e literatura. **Revista Nova Escola**. N. 10, abr-mai, 2002.